



PROCESSO SELETIVO À MOBILIDADE ACADÊMICA INTERNA 2019 – MOBILIN 2019

EDITAL Nº 04 – COPERPS, DE 22 DE AGOSTO DE 2019

27 de outubro de 2019

BOLETIM DE QUESTÕES

Nome: _____ Nº de Inscrição: _____

ÁREA III – CIÊNCIAS DAS HUMANIDADES I

Arquivologia; Biblioteconomia; Ciências Econômicas; Ciências Contábeis e Turismo.

LEIA COM MUITA ATENÇÃO AS INSTRUÇÕES SEGUINTE.

- 1 Confira se o **Boletim** que você recebeu corresponde ao curso ao qual você está inscrito, conforme consta no seu cartão de inscrição e cartão resposta. Caso contrário comunique ao fiscal de sala.
- 2 Este **Boletim** contém a **PROVA OBJETIVA**.
- 3 O **Boletim de Questões** consistirá de **40 (quarenta) questões de múltipla escolha**, sendo **10 (dez) questões de Língua Portuguesa, 10 (dez) questões de História, 10 (dez) questões de Geografia e 10 (dez) questões de Matemática**. Cada questão objetiva apresenta 5 (cinco) alternativas. Identificadas por **(A), (B), (C), (D) e (E)**, das quais apenas uma é correta.
- 4 Confira se, além deste **Boletim**, você recebeu o **Cartão-Resposta**, destinado à marcação das respostas das questões objetivas.
- 5 É necessário conferir se a prova está completa e sem falhas, bem como se seu nome e o número de sua inscrição conferem com os dados contidos no **Cartão-Resposta**. Em caso de divergência, comunique imediatamente o fiscal de sala.
- 6 O **Cartão-Resposta** só será substituído se nele for constatado falha de impressão.
- 7 Será de exclusiva responsabilidade do candidato a certificação de que o **Cartão-Resposta** que lhe for entregue no dia da prova é realmente o seu. Não deverá ser dobrado, amassado, rasurado, manchado ou danificado de qualquer modo.
- 8 Após a conferência, assine seu nome no espaço próprio do **Cartão-Resposta**.
- 9 No **Cartão-Resposta** não serão computadas as questões cujas alternativas estiverem sem marcação, com marcação a lápis (grafite), com mais de uma alternativa marcada e aquelas que contiverem qualquer espécie de corretivo sobre as alternativas.
- 10 A marcação do **Cartão-Resposta** deve ser feita com **caneta esferográfica de tinta preta ou azul**.
- 11 O **Cartão-Resposta** será o único documento considerado para a correção. O **Boletim de Questões** deve ser usado apenas como rascunho e não valerá, sob hipótese alguma, para efeito de correção.
- 12 O tempo disponível para esta prova é de **três horas**, com início às **14 horas e término às 17 horas**, observado o horário de Belém/PA.
- 13 O candidato deverá permanecer obrigatoriamente no local de realização da prova por, no mínimo, **uma hora** após o início da prova.
- 14 Ao terminar a prova, o candidato deverá entregar ao fiscal de sala o **Boletim de Questões** e o **Cartão-Resposta**, e assinar a lista de presença.
- 15 Após às **16h30min** o candidato poderá solicitar ao fiscal levar este **Boletim de Questões**.

Boa Prova!



MARQUE A ÚNICA ALTERNATIVA CORRETA NAS QUESTÕES DE 1 A 40.

LÍNGUA PORTUGUESA

O paradoxo da criação

Gilberto Verardo (psicólogo)

1 Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de
2 seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal. Se uma pessoa é
3 capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma
4 imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas
5 cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com
6 uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo
7 capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial. O modelo
8 social continua adequado ao processo civilizatório saudável?

9 Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como
10 igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e
11 responsável. No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade
12 em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma
13 sensação de insignificância e impotência. No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens
14 materiais passam a ser fins em si mesmos. O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do
15 sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade
16 última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica. O homem construiu seu
17 mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do
18 produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um
19 instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos. A concentração de capital (não de
20 riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa,
21 coragem e inteligência individuais. Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos
22 podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa
23 de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima. Sua sensação de pertencimento
24 foi absorvida pelo sistema. As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é
25 submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que
26 prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social. Em um
27 esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja
28 nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões
29 aceitos e ditados pelo sistema. Estamos prontos a aceitar um “auxiliar mágico” a que se refere Erich Fromm
30 em seu livro “O Medo à Liberdade”, diante da incapacidade de expressar plenamente as próprias
31 potencialidades. Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.

32 Temos realmente liberdade de escolher nosso próprio modo de vida? A internet e seus graciosos
33 brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa
34 encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois
35 até isso lhe foi tirado pela máquina. Reproduzimos tudo. Nossas ideias originais foram sufocadas em nome
36 do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos. Sinais de profundas
37 mudanças incluem a insatisfação generalizada nas instituições porta-vozes do sistema. As coisas velhas
38 ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô. Mas já é um movimento
39 para sair do conformismo sufocante. As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em
40 direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará
41 consciências?

CORREIO DO ESTADO (Campo Grande), 12 SET 19
Com Adaptação.



- 1 A relação do título “O paradoxo da criação” com o conteúdo desenvolvido no texto está evidente no trecho
- (A) “Se a estrutura de uma dada sociedade cria obstáculos ao amadurecimento das personalidades de seus cidadãos poderá ser chamada de neurótica, pois cerca o desenvolvimento pessoal.” (linhas 1 e 2)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
 - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos.” (linhas 16 a 19)
 - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
- 2 Considerando-se que o texto “O paradoxo da criação” se desenvolve em torno do posicionamento discursivo do autor de que o cidadão tem sua individualidade e criatividade anuladas no sistema capitalista, o trecho que resume bem esse posicionamento é
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico (...)” (linhas 14 e 15)
 - (C) “Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 17 e 18)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “Tudo é ditado pelo mercado, até seu estilo de vida.” (linha 31)
- 3 Na representação, em linguagem figurada, do que é o capitalismo, o autor constrói uma **metáfora** na seguinte passagem do texto:
- (A) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (B) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última. Converteu-se em um dente da engrenagem da vasta máquina econômica.” (linhas 14 a 16)
 - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (D) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 16 a 18)
 - (E) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)



- 4 Para se resguardar de fazer uma afirmação categórica na avaliação negativa que faz do capitalismo – e evitar, assim, a contestação pelo leitor –, o autor recorreu à estratégia de **modalização do enunciado** no seguinte trecho:
- (A) “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados (...)” (linhas 2 a 4)
 - (B) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (C) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “As coisas velhas ainda não morreram e coisas novas começam a surgir, algumas com alma retrô.” (linhas 37 e 38).
- 5 Nas afirmações sobre o capitalismo, o autor argumentou criticamente contra esse sistema. Entre os enunciados abaixo, aquele que **não** representa um argumento em favor da tese contra o capitalismo é
- (A) “O destino do homem torna-se contribuir para o crescimento do sistema econômico, ajuntar capital, não tendo em vista sua própria felicidade, mas como uma finalidade última.” (linhas 14 a 16)
 - (B) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (C) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (D) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 6 No texto, ao expressar **uma consequência** do capitalismo, o autor constrói o enunciado em **linguagem conotativa**, visando a dar mais expressividade ao que enuncia. É o que se identifica na alternativa
- (A) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14)
 - (B) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos.” (linhas 16 e 17)
 - (C) “A concentração de capital (não de riqueza) em certos setores do nosso sistema econômico restringiu as possibilidades de êxito da iniciativa, coragem e inteligência individuais.” (linhas 19 a 21)
 - (D) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso.” (linhas 21 e 22)
 - (E) “Nossas ideias originais foram sufocadas em nome do bom funcionamento do sistema que reina absoluto sobre todos os destinos.” (linhas 35 e 36)
- 7 No trecho “Se uma pessoa é capaz de desempenhar o papel social que lhe cabe, mesmo se diluindo individualmente como parte de uma imensa máquina econômica, exercendo papéis ocupacionais cada vez mais especializados, ou seja, tarefas cada vez mais localizadas e restritas como instrumento para o crescimento dos potenciais da pessoa, com uma evolução crescente do poder do capital monopolista, crises econômicas intermináveis provocadas pelo capital especulativo, desemprego e conflitos variados, é possível levantar uma questão crucial” (linhas 2 a 7), o conector “**ou seja**” é um recurso gramatical com a função de sinalizar que será inserida no texto uma
- (A) exemplificação.
 - (B) explicação.
 - (C) retificação.
 - (D) descrição.
 - (E) síntese.



- 8 Na construção da argumentação do texto “Paradoxo da Criação”, manifesta-se uma oposição de pontos de vista na relação entre os enunciados (gramaticalmente expressa pela construção de uma oração subordinada concessiva) no trecho
- (A) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11)
 - (B) “No entanto, se bem que esse fosse um dos efeitos do capitalismo sobre a marcha da liberdade em expansão, ao mesmo tempo tornou o indivíduo cada vez mais isolado, solitário e imbuído de uma sensação de insignificância e impotência.” (linhas 11 a 13)
 - (C) “As principais rotas sociais de fuga do isolamento, solidão e desamparo é submeter-se a uma liderança religiosa, política ou econômica, além do conformismo compulsivo que prevalece em nossa própria democracia pelas dificuldades de efetivamente participar da vida social.” (linhas 24 a 26)
 - (D) “Em um esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões aceitos e ditados pelo sistema.” (linhas 26 a 29)
 - (E) “A internet e seus graciosos brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois até isso lhe foi tirado pela máquina.” (linhas 32 a 35)
- 9 Na reescrita dos trechos abaixo, fez-se uma alteração na pontuação (e às vezes na ordem dos constituintes do enunciado). O trecho reescrito em **desacordo** com regras de pontuação que normatizam a escrita é o da alternativa
- (A) “Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como igualmente contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.” (linhas 9 a 11) / Não se pode negar que o capitalismo não só libertou o homem dos grilhões tradicionais como, igualmente, contribuiu para o incremento da liberdade positiva, para a ampliação de ego ativo, crítico e responsável.
 - (B) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.” (linhas 16 a 18) / O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos, porém alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu.
 - (C) “No capitalismo, a atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos.” (linhas 13 e 14) / A atividade econômica, o sucesso, as vantagens materiais passam a ser fins em si mesmos no capitalismo.
 - (D) “O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.” (linhas 22 e 23) / O homem foi engolido por sua criação, mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.
 - (E) “As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará consciências?” (linhas 39 a 41) / As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina, que despertará consciências?



- 10 A **elipse do sujeito gramatical** está funcionando como um **mecanismo de coesão** entre os segmentos textuais que constituem o seguinte trecho:
- (A) “O homem construiu seu mundo: ergue fábricas e casas, produz automóveis e roupas, cultiva grãos e frutos. Porém, alienou-se do produto de suas próprias mãos, não é mais, de fato, o senhor do mundo que construiu. Tornou-se um instrumento para fins da própria máquina concebida por suas mãos.” (linhas 16 a 19)
 - (B) “Parece que ter um emprego, qualquer que seja, é tudo o que muitos podem desejar da vida e devem ser gratos por isso. O homem foi engolido por sua criação. Mas ele precisa de um significado, de uma identidade pessoal e de um pouco de autoestima.” (linhas 21 a 23)
 - (C) “Em um esforço para escapar à solidão e à impotência cidadã, estamos dispostos a nos descartar do nosso EU, seja nos submetendo a novas formas de autoridade, seja nos conformando compulsivamente com padrões aceitos e ditados pelo sistema.” (linhas 26 a 29)
 - (D) “Temos realmente liberdade de escolher nosso próprio modo de vida? A internet e seus graciosos brinquedos amenizam a solidão e o desamparo pessoal, que termina por ser um lugar interior que a pessoa encontra para dar um tempo e ver se encontra seu EU, sua autenticidade, sua originalidade de volta, pois até isso lhe foi tirado pela máquina.” (linhas 32 a 35)
 - (E) “As mudanças climáticas podem funcionar como uma catarse global em direção às mudanças que todos querem. Não pode o caos climático ser a vacina que despertará consciências?” (linhas 39 a 41)

HISTÓRIA

- 11 Afirmava o filósofo grego Aristóteles em sua obra *Política* que “Quem se dispõe a tornar-se um bom chefe, deve primeiro ter servido a um chefe”.

(Ver Aristóteles (*384 +322 a. C.) Citação retirada de BARELLI, Ettore (org.). *Dicionário das citações*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 501).

Pela citação anterior, percebe-se que existia no mundo grego antigo um sério debate sobre a melhor forma de governar e fazer política. Com base no que se conhece sobre as diferenças entre as formas de governo político em Atenas e Esparta, é correto afirmar:

- (A) "Oligarkhía", cujo significado literal é “governo de poucos”, prevaleceu em Atenas, isto porque a democracia só era aceita para uma pequena parcela da população livre, deixando alheia a ela os escravos e estrangeiros.
- (B) Democracia era a junção de “demo” = povo e “cracia” = governo. Foi implantada em Atenas, por volta de 510 a.C. após as reformas de Clístenes, que visavam a resolver graves conflitos sociais decorrentes da estratificação social, mas não atingiu todos, excluindo mulheres, escravos e estrangeiros.
- (C) Patriarcado é a junção do termo “patriarca” = chefe de família com a terminologia “ado”, aqui identificada como o que governa. Assim, em Esparta antiga do período clássico, o regime político era patriarcal, centrado em clãs que se organizavam hereditariamente e viviam em guerras.
- (D) “Eforato”, que significava governo do Conselho dos Éforos, era como Esparta se governava. Este Conselho formava um colégio que era eleito democraticamente pela Apela. Detinha amplos poderes, sendo responsável por presidir assembleias, decretar guerras e fiscalizar o Estado.
- (E) Democracia (demo=governo e “cracia” = do povo) era a forma de governar em Atenas, que estabeleceu pela primeira vez um regime igualitário para todos os cidadãos e estrangeiros naturalizados e até escravos, desde que em estado de emancipação.

12 Observe a imagem abaixo e responda à questão proposta sobre as relações de hierarquia na Europa feudal.



Posse de um cavaleiro

(Iluminura dos estatutos da Ordem do Nó, fundada em 1352 por Luigi I de Nápoles.

Ver Luigi I di Napoli nell'atto di investitura feudale)

<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b52504405g/f22.image> Acessado em 20 09 2019.

A fidelidade vem do latim *fidelitas* e denotava na Idade Média a fidelidade devida por um vassalo ao seu senhor feudal. Antes que um senhor feudal pudesse conceder terras (um feudo) a alguém, ele tinha que fazer dessa pessoa um vassalo. Isso era feito em uma cerimônia formal e simbólica chamada cerimônia de louvor, composta pelo ato de duas partes: de homenagem e de juramento de lealdade. Daí surgiram cerimônias como as de posse de cavaleiros medievais, como a representada na iluminura anterior. Por esta cerimônia e em seu ato simbólico, os vassalos obrigavam-se a

- (A) atender a chamadas para o serviço militar, cuidar da manutenção e produção do feudo, pagando obrigações ao senhor. Já o senhor do feudo deveria garantir segurança e ajuda militar para manutenção do feudo e da cristandade.
- (B) trabalhar para receber em troca a alimentação e um soldo. Os senhores feudais deveriam organizar a produção e cobrar impostos para que os escravos e servos pudessem trabalhar sem maiores preocupações.
- (C) produzir todos os alimentos, caça e pesca necessários para a manutenção do feudo. Os senhores feudais garantiam a segurança interna e externa dos feudos, além de alimentarem e cederem local de moradia para seus trabalhadores escravos e servos.
- (D) entregar toda a produção ao senhor feudal e a protegê-lo dos vândalos pagãos e cristãos. Já os senhores feudais deveriam abençoar seus vassalos, rendendo-lhes homenagens e lhes dando direito de trabalho e posse em suas terras, com o propósito de torná-las férteis e produtivas.
- (E) beijar regularmente a mão do senhor feudal, pagar-lhe tributos pela colheita e uso de moedas ou travessia de rios. Em troca, o senhor feudal os ajudava com as sementes e os organizava militarmente para defesa, armando-os para guerra, como se vê na iluminura.



13 Sobre a estrutura da sociedade feudal, escreveu o historiador Jacques Le Goff:

“A sociedade medieval foi, mais do que muitas outras, uma sociedade de oposição. A cristandade que a formava foi muitas vezes representada por esquemas binários: bons/maus, superiores/ inferiores. Todavia com o tempo, tomou-se consciência de que a sociedade ia se tornando mais complexa. Ausente na Bíblia, surge no Ocidente cristão nos séculos IX e X uma ideia de sociedade cristã distinta por três componentes: *oratores, bellatores e laboratores*, ou seja, os que rezam, os que combatem e os que trabalham”.

(Texto adaptado de Jacques Le Goff. *O Homem medieval*. Lisboa: presença, 1989, p. 15)

Quanto a esta organização social tripartida medieval, é correto afirmar que estes elementos correspondem respectivamente

- (A) aos padres regulares, como franciscanos e beneditinos, aos soldados dos reis medievais e aos escravos de origem africana e asiática.
- (B) aos bispos e arcebispos da cúpula local das igrejas, aos senhores feudais com os soldados dos bispos e aos servos da gleba treinados pelos soldados.
- (C) aos padres e freiras seculares, aos senhores feudais com seus filhos homens sagrados cavaleiros e aos servos da gleba e seus escravos.
- (D) aos clérigos, frades e madres regulares, aos senhores feudais com seus cavaleiros e amazonas e aos servos da gleba com suas famílias e escravos.
- (E) aos clérigos regulares e seculares (padres e frades), aos senhores feudais com seus cavaleiros medievais e aos servos da gleba.

14 Oliver Cromwell teve uma vida atribulada e morreu de febre em 1658. Seu filho não durou muito tempo no poder e em 1659 o Parlamento restabeleceu Carlos II da Inglaterra como rei. Em 1661, o corpo de Cromwell foi sujeito ao ritual de execução póstuma. Seu corpo ficou pendurado em correntes, até que foi jogado em um poço. Sua cabeça decapitada foi exibida à entrada da Abadia de Westminster até 1685. Mas a memória de Cromwell foi pouco a pouco reabilitada. No século XVIII, sua imagem puritana e radical foi diminuída e nascia outra mais republicana. Em 1849, o historiador Thomas Carlyle o apresentou como um herói na batalha entre o bem e o mal: um modelo para restaurar a moralidade. Sua imagem passou a agradar os não conformistas. Já entre 1937 e 1947, autores como Abbot começaram a afirmar que Cromwell era um profascista. Mas Leon Trotsky (líder comunista) equiparou Cromwell a Lenin, argumentando que "Lenin seria um proletário Cromwell do século XX".

(Texto adaptado do site da Enciclopédia National Geographic.

https://www.nationalgeographic.com.es/historia/actualidad/oliver-cromwell-un-rey-sin-corona_7579

Acessado em 19/09/2019).

O texto mostra muitas faces do mesmo homem Oliver Cromwell. Observando-se atentamente as mudanças, percebe-se uma linha de continuidade em todos os argumentos. Ela existe porque a vida de Cromwell foi uma só e – por mais interpretações que se faça ao longo do tempo – todos podem concordar que o ponto central da vida deste personagem se assenta no fato de ele se definir por ser um

- (A) político parlamentarista. Assim Cromwell era, sobretudo, um liberal republicano e constitucionalista ferrenho, lutando contra uma monarquia absoluta de direito divino, que se sustentava na exploração dos camponeses puritanos e católicos, que ele defendia.
- (B) político e militar antiabsolutista, contestador da origem do poder político católico e divino. Cromwell pode ser visto como puritano, republicano, herói nacionalista, ou defensor de um Estado forte (de direita ou de esquerda), mas acima de tudo foi contrário ao absolutismo católico.
- (C) militarista e centralizador absolutista. Cromwell lutou em guerras navais e seu poder nasceu de sua ação militar que o habilita para todas as demais interpretações ao longo do tempo, sobretudo aquelas que o relacionam a um ditador político, que o constituiu centralmente quando ele vivia e que marcou sua horrível decapitação depois da sua morte.
- (D) republicano antirrealeza constitucional e parlamentar. Apesar de muitas diferenças ao longo de sua trajetória que possibilitam diversas interpretações sobre o significado de sua vida, Cromwell era um republicano convicto e defensor da constituição, mesmo que fosse feita por um parlamento imposto por militares e certamente sem a presença do monarca.
- (E) republicano e radical puritano. Cromwell se caracteriza por sua religião radical e seu republicanismo forte e centrado no ódio a qualquer forma de governo monárquico, por isso foi reabilitado no final do século XVIII em diante com o fim das monarquias absolutistas. Também sua posição puritana é vista sempre como símbolo de honestidade.

- 15 Observe a pintura abaixo e responda à questão proposta sobre o absolutismo e seus agentes na França do Antigo Regime.



O Cardinal Richelieu no cerco à praça de La Rochelle em 1627-28
(Pintura romântica de Henri-Paul Motte datada de 1881.

Ver Henri-Paul Motte La Rochelle, Musee 'Orbigny-Bernon)

<https://www.kunstkopie.de/a/motte-henri-paul/richelieu-1585-1642-on-th.html> Acessado em 20 09 2019.

A pintura acima foi feita em 1881. Nela, seu autor romântico expôs a emoção do Cardinal Richelieu na tomada da praça huguenote de La Rochelle em 1628. A batalha ali representada tratava de um evento da guerra entre as forças católicas de Luís XIII da França e os huguenotes de La Rochelle. À direita, o pintor descreve a armada espanhola atirando na inglesa. Já no porto estava o Cardinal francês e a cúpula da igreja católica francesa rezando pela vitória franco-espanhola. Esta tela histórica reafirmava no século XIX a força da monarquia absoluta francesa do século XVII. Nela o aspecto central deste fortalecimento do poder régio pode ser visto na cena do Cardeal Richelieu pintado

- (A) com uma mão no peito e outra na cintura perto da sua espada, procurando dizer que faria guerra contra os huguenotes protestantes até sua morte e que lutaria pelo rei católico Luís XIII juntamente com seus bispos, mesmo que tivesse que se associar aos ingleses e espanhóis que ali batalhavam contra os franceses.
- (B) com as mãos no peito emocionado ao ver os ingleses (aliados dos franceses) atacarem navios espanhóis huguenotes, destruindo na França o poder religioso e econômico das famílias protestantes e judias que governavam a região, impedindo o estabelecimento do governo absoluto francês de Luis XIII.
- (C) olhando tristemente os navios espanhóis bombardeando os ingleses e pensando que ele (Cardeal e primeiro ministro do rei francês) ainda teria que derrotar os espanhóis para impor o poder absoluto francês representado pelo catolicismo do novo monarca Luís XIII.
- (D) olhando para a batalha naval anglo-espanhola em um mar revolto e torcendo pela vitória espanhola. Esta vitória significaria vencer as batalhas religiosas (entre o catolicismo e o protestantismo), mas também ganhar as batalhas políticas e econômicas e impor uma monarquia católica de direito divino na França.
- (E) observando a guerra naval entre espanhóis e ingleses, na qual os ingleses resistiam bravamente e impediam o firme propósito francês de fortalecer o rei católico Luís XIII e sua monarquia esclarecida e de direito divino e papal.



- 16 Leia o trecho abaixo, que reflete sobre as novas descobertas arqueológicas relativas aos hominídeos no território africano da atual Argélia, e responda à questão proposta.

A revista científica *Science* publicou um artigo que pode alterar a forma como os cientistas enxergam a presença de hominídeos na África. (...) Os novos dados indicam ou uma dispersão dessas ferramentas da África Oriental para outras regiões do continente ou o surgimento da manufatura desses itens em múltiplos locais em um período parecido. Essa região da África é considerada o berço do uso de itens de pedra, muito usados por nossos ancestrais hominídeos. Os exemplos mais antigos dessas peças dos quais temos conhecimento vêm de 2,6 milhões de anos atrás. (...) A nova pesquisa liderada pelo Centro Nacional de Investigação sobre a Evolução Humana (CNIEH) apontou para novas evidências (especificamente artefatos de pedra e ossos de animais) que são quase meio milhão de anos mais velhos do que as peças que se conhecia anteriormente. Os itens foram encontrados na porção leste da Argélia, ao norte do território, e aparentam ser de 1,9 a 2,4 milhões de anos atrás. (...) A nova descoberta torna o local em que as ferramentas foram encontradas o lugar mais antigo do norte da África a apresentar provas do uso de ferramentas por parte dos hominídeos.

(Sabrina Brito. *Revista Veja*, 2 de dezembro de 2018. Site <https://veja.abril.com.br/ciencia/presenca-de-hominideos-no-norte-da-africa-e-mais-antiga-do-que-se-pensava/> Acessado em 19 09 2019).

O valor da descoberta feita em 2018 pela CNIEH reside em questões sobre quanto tempo os homens (ou seus antepassados hominídeos) levaram para aprender a usar ferramentas e em que local esta aprendizagem teria ocorrido. Estes dados são importantes porque colocam o continente africano e suas gentes em um novo patamar. As pessoas do continente africano atual – tantas vezes estigmatizadas preconceituosamente, vistas como “atrasadas” e dependentes de nações europeias ou americanas – devem ser consideradas nos estudos atuais arqueológicos, como centrais na evolução humana e percebidas

- (A) Intelectual e tecnologicamente desenvolvidas dentro dos parâmetros da CNIFH, pela aprendizagem precoce dos hominídeos argelinos no uso dos artefatos de pedra e ossos de animais como instrumentos de melhoria nas condições de vida humana e percebidas.
- (B) geneticamente, o que proporcionaria aos brancos da atual Argélia – segundo o estudo da CNIEH – a capacidade motriz para se aprender a utilizar instrumentos de corte e de perfuração, como as pedras polidas e os ossos lascados encontrados pelos pesquisadores.
- (C) socialmente, na medida em que os estudos da CNIEH demonstram que, embora biologicamente inferiores, os hominídeos encontrados eram evoluídos para se relacionarem com outros povos nórdicos que já estavam lascando e polindo pedras e eram biologicamente superiores.
- (D) racialmente, já que pelos estudos da CNIEH se comprova que a pele negra seria condição social primordial para que se desenvolvesse em território da atual Argélia hominídeos inteligentes o bastante para lascas e polir pedras e ossos.
- (E) como biológica e etnicamente superiores, pois os atuais estudos demonstram que os hominídeos de origem africana têm genes evoluídos para desenvolverem habilidades motoras superiores às daqueles de outros continentes.



- 17 Segundo Carlos Moore Wedderburn, há pelo menos quatro bases para superar a visão colonialista e que se deve demarcar para se escrever e ensinar em sala de aula uma nova história da África. São elas: 1) Positivar a África como berço da humanidade; 2) Identificá-la também como berço das primeiras civilizações sedentárias e cidades antigas; 3) Demarcá-la como alvo de escravidão racial e tráfico negreiro transoceânicos e 4) Problematizá-la como alvo de mitos raciológicos, especialmente em tempos imperialistas. Para cada uma destas bases é necessário implementar novas formas de trabalho didático e utilizar diferentes fontes de pesquisa. No campo didático, pode-se acertadamente nomear que é fundamental ao novo historiador analisar o conteúdo da história do continente africano, estabelecendo como matrizes um estudo do continente de forma
- (A) simultânea, ligando a história da escravidão no Brasil com a da África, recuperando os momentos-chaves da espoliação do continente americano e de seus homens de estado contra os vitimados povos e nações africanas. O centro de todos os estudos é a história do tráfico transoceânico e a formação da sociedade escravista no Brasil.
- (B) separada, vendo didaticamente a história do Brasil e depois a da África para em um segundo momento unir as duas histórias e denunciar práticas de preconceito racial e étnico que derivavam do processo exploratório colonial e pós-colonial nos dois continentes, como autônomos.
- (C) autônoma, separando os diferentes povos africanos e suas histórias da história da civilização branca e ocidental. Aqui se critica uma persistente tradição linear e anedótica que vê as gentes do continente africano como um bloco inerte e sem dinamismo social, ou sem comunicação entre si, sobretudo sem relação entre suas histórias e crenças mitológicas.
- (D) antieurocêntrica, procurando construir uma história na qual a participação dos europeus é minimizada diante dos atos e fatos vivenciados pelos povos do continente africano em sua relação com os ameríndios e outros povos de continentes como a Oceania, todos eles pobres e oprimidos.
- (E) isenta de preconceitos étnicos, com a didática de trabalhar (entre alunos e professores) a ideia de uma história africana que reúna todos os diferentes povos africanos ao longo de sua história numa trajetória de lutas sociais e políticas e que dialogue com as outras culturas e povos dos outros continentes, denunciando explorações e preconceitos.
- 18 Leia o trecho que se segue sobre a política de “resgate” indígena no Brasil colonial e responda à questão proposta relativa à escravidão e ao trabalho livre nesta sociedade.

A escravização decorrente de resgate, herdada do direito romano, estava profundamente ancorada em regras de direito correntes no período colonial, sendo reconhecida como lícita até mesmo pelo Padre Antônio Vieira, defensor da liberdade dos índios. Nesse período o conceito do resgate vê-se reforçado pela ideia de que, além da vida, salva-se a alma de prisioneiros condenados à morte e à perdição. Estes indivíduos “presos à corda”, como dizem os documentos, são cativos legítimos em várias normas legais entre os séculos XVI e XVIII. O problema sempre estava nas diferentes disposições das leis que legitimavam esta prática.

(Texto adaptado de Maria Beatriz Nizza da Silva. Resgate. *Dicionário da colonização portuguesa no Brasil*. Lisboa: Verbo, 1994, p. 698-699).

De acordo com o trecho acima, é correto afirmar que a prática do “resgate” ou da prisão à corda era uma forma de uso de mão de obra indígena no Brasil colonial que se sustentava de maneira legítima e justificada

- (A) nas leis e normas sem contestações ao longo de todo processo colonizador, já que se pensava que este suposto “resgate” salvava não só o corpo dos indígenas, mas também sua alma.
- (B) em termos jurídicos e de justificativa sagrada e ideológica, pois neste universo se salvariam almas do paganismo e corpos da morte antropofágica. Mas os meios de fazer este “resgate” e seus agentes permitidos variaram muito e foram alvo de disputas políticas e sociais ao longo do tempo.
- (C) para o uso de mão de obra indígena como trabalhadores entre os jesuítas, como desejava padre Vieira, mas ilegítima para os demais moradores coloniais. Disso surgem disputas e guerras entre colonos e jesuítas até a expulsão dos segundos no século XVIII quando se passou a escravizar os índios.
- (D) para a Coroa lusitana e ilegítima para os vários povos indígenas que lutaram para não serem escravizados pela política de prisão “à corda”. Em processos de negociações e conflitos, estes povos ora obtiveram conquistas quando se aliaram aos jesuítas, ora perderam seus direitos quando estes jesuítas foram expulsos.
- (E) para os povos indígenas considerados “bárbaros” pelos portugueses, mas ilegítima para aqueles tidos como “dóceis” ou “mansos”. Isto significava que bastava os portugueses dizerem que os índios eram agressores para se legitimar sua “prisão à corda” e o sucessivo processo de escravização sempre por tempo indeterminado.

- 19 Observe os dois mapas abaixo e responda à questão proposta sobre o tratado de Madri e a diplomacia colonial entre os portugueses e os espanhóis no século XVII e XVIII.



Mapa 01 - Fragmento de mapa, acima, publicado em 1589, durante a União Ibérica. O cartógrafo italiano Baptista Boazio mostra o que entendia ser a divisão das terras na América do Sul. O território do atual Brasil inclui todas as terras do lado oriental do Rio Paraguai e norte do Rio da Prata.

(Ver site <https://www.historia-brasil.com/colonia/disputas-portugal-espanha.htm> Acessado em 18 09 2019).



Mapa 02 - América del Sur, 1759. Mapa espanhol estabelecendo as divisas territoriais entre Portugal e Espanha depois do Tratado de Madri.

(Ver site <https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTGoXTzx5LwqT7MZ2V18mcVoop1UcG980teLNSq1Vs5zzYZ-FgmwA> Acessado em 20 09 2019).

Considerando os dois mapas apresentados e com base no que se conhece sobre a história diplomática e das disputas entre Portugal e Espanha pelos territórios americanos mais ao sul do continente entre os séculos XVII e XVIII, é correto afirmar que as fronteiras portuguesas e espanholas foram demarcadas em um processo pautado pelo/pela



- (A) assinatura do tratado de Madri, que foi difícil de ser negociado nos século XVIII (ver mapa 01), mas que, uma vez concluído (ver mapa 02), delimitou bem as linhas divisórias, como está claro no mapa espanhol de 1759.
- (B) manutenção dos lusitanos nos limites do tratado de Tordesilhas (ver mapa 01) e seu expansionismo militar no século XVIII que levou a disputas e à assinatura do Tratado de Madri (ver mapa 02).
- (C) expansionismo espanhol no século XVI (ver mapa 01) que se aproximou da atual costa brasileira na parte sul do continente no Atlântico e seu confronto com a linha expansionista lusitana no século XVIII para a fronteira norte no rio Amazonas (ver mapa 02). Isto levou ao Tratado de Madri.
- (D) expansionismo espanhol e lusitano na América do Sul pela posse de seus dois maiores rios: da Prata, no norte do Brasil, e o rio Negro e Amazonas no Sul do mapa (ver mapa 02). Isto levou a disputas diplomáticas e a assinaturas do tratado de Madri.
- (E) expansionismo português durante o processo de União Ibérica até 1640 (ver mapa 01), o que acarretou longas negociações que levaram ao Tratado de Madri, que não foi definitivo, mas demarcou mais claramente as fronteiras coloniais espanhola e portuguesa da América do Sul (ver mapa 02).

20 Em 1861, o intelectual e cônego Joaquim C. F. Pinheiro escreveu um estudo histórico sobre o movimento republicano de Pernambuco em 1817. Seu estudo mudou a forma de compreender a Revolução Pernambucana. O autor elogiava o comandante português que destruiu os revolucionários, mas sobre os ideais desses revolucionários escrevia: “Parece-nos o programa da República de Pernambuco de 1817 igual a de Platão, sendo utópica mais não incongruente”.

(Texto adaptado de Maria da Glória de Oliveira. Brasileiros ilustres no tribunal da posteridade. Biografia, memória e experiência da história no Brasil oitocentista. *Varia História*, vol. 26, núm. 43, junho, 2010, p. 283-298, site http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752010000100015&script=sci_abstract&tlng=pt Acessado em 19/09/2019).

Julgar os republicanos de 1817 como utópicos (mas não incongruentes) fazia sentido no Brasil Imperial de 1861, pois o cônego relacionava o movimento republicano de 1817 a uma

- (A) primeira tentativa de independência de Portugal, mas seria uma tentativa utópica, por ser republicana e com ideais abolicionistas.
- (B) liberdade política mais ampla e irrestrita com a cidadania plena aos escravos de origem africana, tal como pensava Platão.
- (C) monarquia constitucional e livre de escravidão social, com uma cidadania mais ampla do que aquela instaurada pela república em que vivia o autor cônego Fernandes Pinheiro.
- (D) liberdade de expressão irrestrita em uma república de eleitos como a de Platão, utópica, porque o Brasil e Pernambuco tinham escravos.
- (E) ideia de igualdade política e social entre todos os homens e mulheres independentemente de seu sexo ou cor, o que feria os ideais burgueses e liberais de autores como o cônego Fernandes Pinheiro.

GEOGRAFIA

21 Leia o texto.

“É verdade que para Humboldt a filosofia meramente especulativa, sem relação com as descobertas empíricas, não esclarecia os fenômenos naturais. Ou, em outras palavras, para ele sem a observação e a descrição in loco a ciência seria inócua. Pois bem, apesar da crítica à filosofia especulativa, Humboldt se deteve em algumas de suas premissas, pelo menos no que se refere a suas teses sobre a visão unitária da natureza e à perspectiva de junção entre arte e ciência, claramente relacionadas às filosofias da natureza de Schelling e, também, de Goethe.”

Fonte: BRITO, Thiago -Humboldt entre a filosofia da natureza e a ciência moderna. *Soc. & Nat.*, Uberlândia, 27 (2): 195-208, mai/ago/2015, pág. 197

Alexander Von Humboldt teve grande importância na formação da ciência geográfica. No fragmento do texto, enfatiza-se a sua compreensão da natureza e visão de unidade, explicada pela influência da(o)

- (A) visão criacionista, base para explicar a formação do planeta.
- (B) teoria do caos, na qual fenômenos simples podem causar alterações profundas.
- (C) pensamento materialista dialético marxista sobre a natureza modificada.
- (D) matriz racionalista acrescentada à compreensão da história de formação dos fenômenos.
- (E) abordagem fenomenológica para elucidar as lembranças provocadas pelo ambiente.



22 Leia o texto.

“Hoje, porém, pós-modernistas de toda obediência se valem das palavras do nosso *métier* para sugerir, com base na aceleração contemporânea, que o espaço não existe, a região não existe, e o lugar também não existe mais...Mas, que dizer, por exemplo, de Michael Jackson? Segundo o seu *manager* Michel Avram, falando em outubro de 1993 a um jornal de São Paulo, o mais pós-moderno dos *pop stars* globalizados não se lembrava da América do Sul. Ele pensava que Caracas era na Jamaica”.

Fonte: Santos, M. O lugar: encontrando o futuro. Revista de Urbanismo e Arquitetura, v. 4, n,1, 1996. pág. 6. (Adaptado)

No texto, o autor utiliza um exemplo para ressaltar a importância, cada vez maior, da renovação dos conceitos geográficos. No caso do conceito de lugar, Santos o compreende como

- (A) referência cartográfica, de posição e localização.
- (B) espaço antropológico que apresenta características identitárias.
- (C) local em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado.
- (D) imaginário derivado da percepção ou sentido de pertencimento do homem com todos os elementos do seu espaço vivido.
- (E) dimensão espacial do cotidiano, pode ser visto como um meio intermediário entre o mundo e o indivíduo.

23 Leia o texto.

“A alfabetização espacial pode ser possível tanto ao se trabalhar com conteúdos ou temas que se relacionem com os saberes geográficos e que sejam problematizados pelos professores nas práticas escolares, quanto por meio da construção de mapas mentais.”

Fonte: Lopes, A. C. O lugar e os mapas mentais na geografia escolar. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 16, pág. 391-410, jul./dez., 2018

No sentido apresentado pela autora, o mapa mental é o

- (A) instrumento metodológico que permite ao aluno expressar seus conhecimentos sobre o espaço vivido.
- (B) sensor que capta as imagens cerebrais que indicam a capacidade de desenvolvimento cognitivo.
- (C) aparelho associado a um programa de computação gráfica que produz mapas a partir de imagens.
- (D) recurso utilizado para identificar os alunos que têm potencialidade para fazer mapas.
- (E) produto da elaboração coletiva de um grupo diversificado de pessoas que não conseguem se localizar no espaço.

24 Leia o texto.

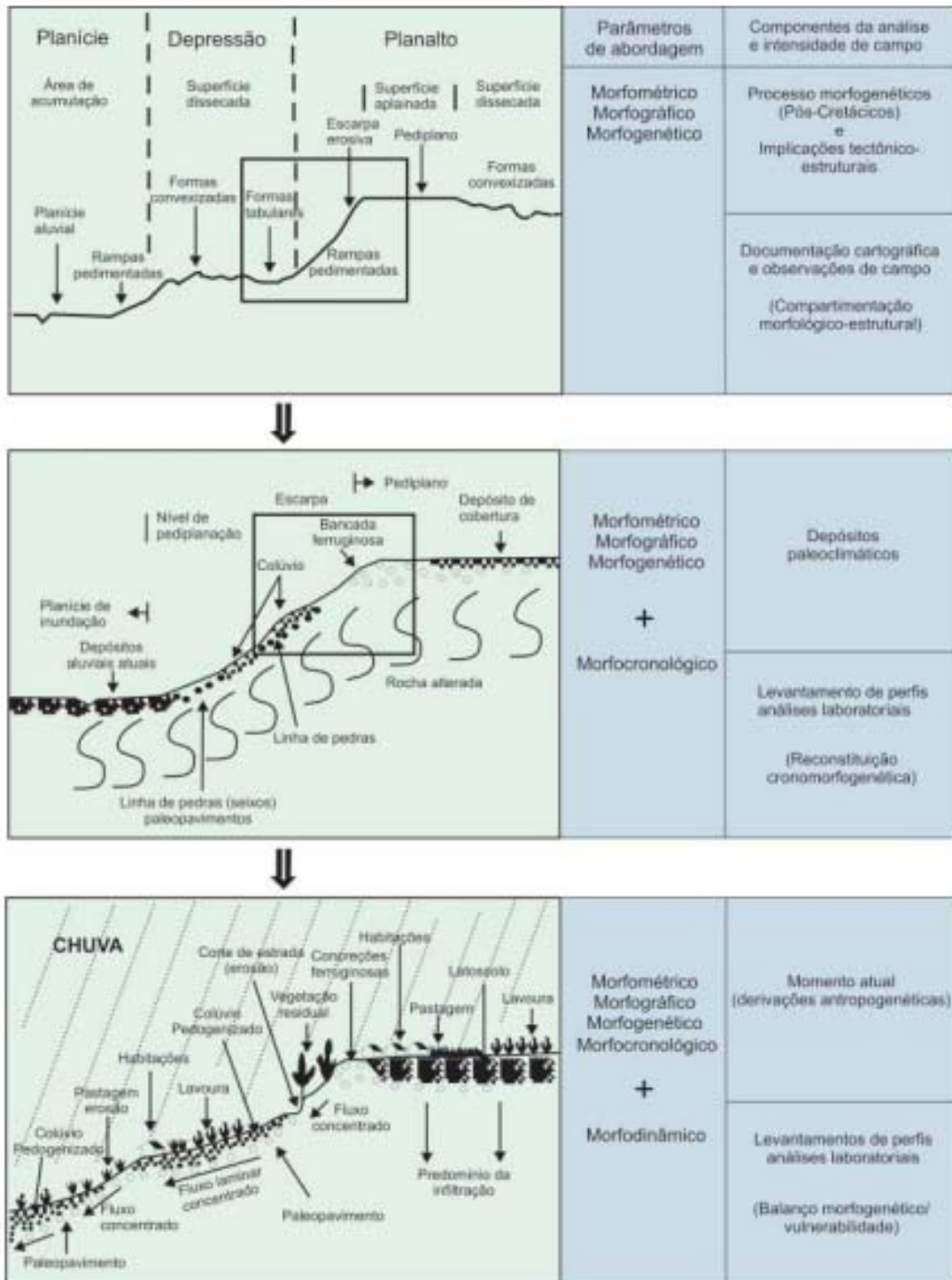
“A representação gráfica coloca que o traçado de qualquer mapa deve seguir determinadas prescrições recomendadas pela sintaxe da linguagem gráfica. Estas indicações fazem parte dos sistemas de signos, linguagens estudadas pela Linguística, que o ser humano constituiu para fixar, compreender e comunicar as observações que a ele são necessárias”.

Fonte: Marcello Martinelli. Tempo e Espaço no mapa.

Sobre esse aspecto, considerando a Semiologia Gráfica, a elaboração do mapa deve atentar para a

- (A) mobilidade sazonal das coordenadas geográficas.
- (B) construção em plano tridimensional, base da cartografia.
- (C) utilização da linguagem técnica e uso de símbolos criados e traduzidos por especialistas da área.
- (D) relação entre a diversidade, a ordem e a proporcionalidade dos elementos de representação gráfica.
- (E) legibilidade dos significados dos símbolos, devendo esses ser explicados concomitantemente no mapa e na legenda.

25 Observe as figuras sobre perfil do relevo.



Fonte: Silva, Cassio Roberto da. Geodiversidade do Brasil: conhecer o passado, para entender o presente e prever o futuro / editor: Cassio Roberto da Silva. Rio de Janeiro: CPRM, 2008, pág. 35.

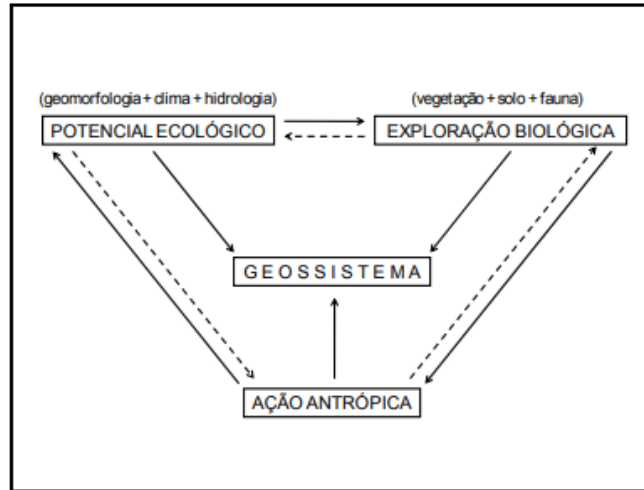
A sequência dos perfis apresentados demonstram os estudos geomorfológicos de Aziz Ab'Saber, que consistem na correlação dos seguintes componentes:

- (A) Identificação da compartimentação morfológica dos terrenos; levantamento da estrutura superficial das paisagens; estudo da fisiologia da paisagem.
- (B) Análise das formas de ocupação humana; mapeamento das áreas de desmatamento; reconhecimento das unidades do solo.
- (C) Reconhecimento dos dados pluviométricos; unidades dos solos; tipos de atividade agrícola.
- (D) Levantamento de perfis topográficos, mapeamento dos geossistemas, zoneamento ecológico econômico.
- (E) Monitoramento dos processos internos do relevo; identificação das formas da superfície; reconhecimento dos agentes externos.

26 Observe o texto e a figura.

“É uma classe particular de sistemas dirigidos, sendo o espaço terrestre de todas as dimensões, onde os componentes individuais da natureza se encontram numa relação sistêmica uns com os outros e, com uma determinada integridade, interatuam com a esfera cósmica e com a sociedade humana”.

Fonte: SOTCHAVA, V. B. O estudo de geossistemas. Métodos em Questão. São Paulo: IG-USP, n.16, 1978, pág 6.



Fonte: BERTRAND, George. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, 1971. pág. 13

O conceito de Geossistema apresentado por Victor Sotchava e George Bertrand no final da década de 1960, em seus respectivos países, forneceu grande contribuição aos atuais estudos da Geografia, porque

- (A) apresentou uma perspectiva verticalizada da análise do meio biofísico.
- (B) representou unanimidade nos estudos da geografia física entre as escolas da época.
- (C) ampliou a percepção de que os recursos naturais podem ser renovados se conhecida sua natureza.
- (D) forneceu base teórica e metodológica para análise integrada dos estudos ambientais.
- (E) ressignificou o papel da humanidade atribuindo-lhe a responsabilidade sobre a dinâmica terrestre.

27 Observe a figura sobre Sistema Clima Urbano: Articulação dos sistemas segundo os canais de percepção: subsistemas e produtos de Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (1976).



Fonte: Teobaldo Neto, A; Amorim, M.C.C.T- Ilha de Calor Urbana e desconforto térmico: uma análise episódica em Cuiabá/MT. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Geografia Física Aplicada, julho de 2017, pág. 1496.

A proposta de Monteiro sobre Sistema Clima Urbano, apresentada pelos autores, foi base para as pesquisas posteriores que consideram que é fundamental nesses estudos compreender o(a)

- (A) padrão repetitivo da atmosfera que, periodicamente, se apresenta em estados cíclicos da qualidade do ar.
- (B) generalização da classificação climática que, mesmo que estática, apresenta uma ideia da ação dos subsistemas.
- (C) complexidade inerente à dinâmica das cidades, em suas mais variadas dimensões, que contribui para relacionar as formas de usos às interferências na atmosfera.
- (D) ação energética do clima no meio urbano que provoca impactos à sociedade, como as doenças respiratórias de veiculação hídrica.
- (E) período atual de aquecimento global que altera os componentes físico-químicos do ar e eleva a precipitação urbana.



28 Leia o texto.

“Nós passamos, ao longo do último quarto do século XX, de um sistema econômico internacional a um sistema econômico global. Trata-se de uma importante mutação geopolítica das condições de produção, de competição e de interdependência. O antigo regime internacional era caracterizado pela soberania dos Estados, a quem competia definir, entre outros, suas políticas monetárias e alfandegárias. A ordem que substitui aquela é uma ordem global difusa na qual as relações entre os Estados diluem-se, em uma certa medida, ao proveito das conexões entre economias regionais afastadas, ligadas entre elas por intercâmbios complexos feitos de competição e de colaboração.”

Fonte: Geoges Benko. A recomposição dos espaços. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 1, N. 2, p. 7-12, Mar. 2001. pág 7.

A citação do autor explica a configuração econômica do atual “sistema mundo” que substitui o sistema internacional pelo global por meio da

- (A) fragmentação das unidades territoriais e fragilização dos Estados.
- (B) criação ou reforço dos blocos econômicos, sob forma de mercados comuns.
- (C) readequação dos espaços físicos em função dos novos conhecimentos sobre a dinâmica do planeta.
- (D) formação de um arranjo institucional superior de escala planetária, resultado da capacidade humana de avançar os limites da Terra.
- (E) mundialização de novas tecnologias da informação e da comunicação, que possibilita a aproximação das pessoas e as rupturas de fronteiras políticas e culturais.

29 Observe o quadro sobre uma classificação socioambiental da Amazônia

Categorias Socioambientais	Sustentabilidade Ecológica	“Cultura Ecológica”	Orientação Econômica
Povos indígenas de comércio esporádico	alta	mitógena	autóctone
Povos indígenas de comércio recorrente	média	mitógena	consuntiva
Povos indígenas dependentes da produção mercantil	baixa	mitógena/ “tradicional cabocla”	consuntiva
Pequenos produtores “tradicionalistas”	média	“tradicional cabocla”	consuntiva
Latifúndios “tradicionalistas”	média	“tradicional cabocla”	rentária
Latifúndios recentes	muito baixa	não formada/ depredatória	lucrativa
Migrantes/ fronteira	baixa	não formada/ emergente	consuntiva
Grandes projetos	baixa	aplicada	lucrativa
Exploradores itinerantes	muito baixa	depredatória	lucrativa

Fonte: LIMA D.& POZZOBON, J. Amazônia socioambiental. Sustentabilidade ecológica e diversidade social. ESTUDOS AVANÇADOS 19 (54), 2005, pág. 4.8

O quadro apresenta diferentes grupos sociais que convivem no espaço amazônico. Um estudo na perspectiva socioambiental sugere que esses grupos se destacam pela(o)

- (A) convergência de suas culturas ecológicas.
- (B) correspondência de suas cosmo-ecologias.
- (C) compartilhamento dos seus saberes.
- (D) prudência entre formas de consumo e depredação da natureza.
- (E) desnivelamento multidimensional dos grupos sociais em relação à pressão sobre os recursos.



30 Leia o texto.

“O fato novo que, com certeza, escapou aos ideólogos militares e seus planejadores foi a ressignificação da natureza em função tanto da nova revolução (nas relações sociais e de poder) tecnológica (biotecnologia, entre elas) como a emergência do movimento ecológico, constituindo o que viria a ser chamado de vetor ecológico da nova geopolítica mundial.”

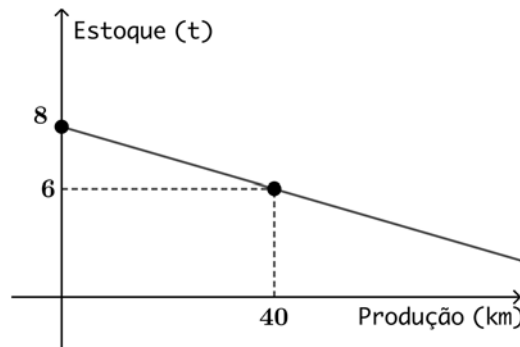
Fonte: Porto-Gonçalves, C.W. Amazônia enquanto acumulação desigual de tempos: Uma contribuição para a ecologia política da região. Revista Crítica de Ciências Sociais 107, 2015.

De acordo com o texto, o chamado vetor ecológico é representado pelos(a)

- (A) diferentes atores sociais locais que projetam um debate consensual sobre a apropriação da natureza na Amazônia.
- (B) ruralistas que se fazem representar no Congresso Nacional, e ganham força assinalando os limites da intervenção das sociedades na natureza.
- (C) empreiteiros construtores de todo um conjunto de obras de infraestrutura (portos, rodovias, hidrelétricas) necessárias ao projeto de desenvolvimento sustentável na região.
- (D) preservacionistas que defendem, ora o mundo natural como estoque de vida, ora a preservação como reserva de valor; e conservacionistas, cujos projetos estão associados à biossociodiversidade.
- (E) burguesia nacional que, aliada à economia verde, apoia os vários movimentos sociais e ambientais que defendem a produção orgânica realizada nos territórios das populações tradicionais.

MATEMÁTICA

31 Uma empresa utiliza ferro de maneira proporcional à quantidade de cabos produzida. O gráfico abaixo apresenta o nível de estoque de ferro da empresa (em toneladas) em função da quantidade de cabos produzida (em quilômetros), desde a última compra do insumo.

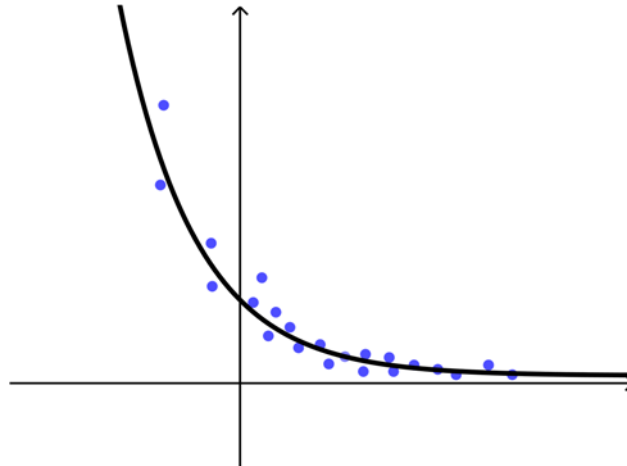


Se a empresa não adquirir mais ferro, ao terminar seu estoque do metal, ela terá produzido quantidade total de cabos, em quilômetros, igual a

- (A) 320.
- (B) 240.
- (C) 200.
- (D) 160.
- (E) 80.



- 32 Ao se fazer a análise dos dados obtidos em uma pesquisa, um estudante obteve a seguinte curva como gráfico de uma função $f(x)$ que deseja estimar:



A função que pode ser utilizada para modelar o comportamento expresso pelo gráfico é

- (A) $f(x) = -x^2 + 1$
(B) $f(x) = x^2 + 1$
(C) $f(x) = e^{-2x}$
(D) $f(x) = e^x$
(E) $f(x) = \log_{\frac{1}{2}} x$
- 33 O estudo de um sistema presa-predador determinou um modelo matemático de previsão, em função do tempo t , das quantidades, em milhares de indivíduos, de predadores $P(t)$ e de presas $V(t)$, dadas pelas funções

$$P(t) = 2 + 2e^{-5t} \quad \text{e} \quad V(t) = 6 - e^{-3t}.$$

De acordo com este modelo, é correto afirmar:

- (A) O número de presas, $V(t)$, é sempre menor que o número de predadores, $P(t)$.
(B) A longo prazo, o número de presas, $V(t)$, diminuirá a zero, enquanto o número de predadores, $P(t)$, aumentará.
(C) A longo prazo, tanto o número de presas, $V(t)$, como o número de predadores, $P(t)$, aumentarão.
(D) A longo prazo, tanto o número de presas, $V(t)$, como o número de predadores, $P(t)$, diminuirão.
(E) A longo prazo, o número de presas, $V(t)$, tende a se aproximar do triplo do número de predadores, $P(t)$.

- 34 O limite

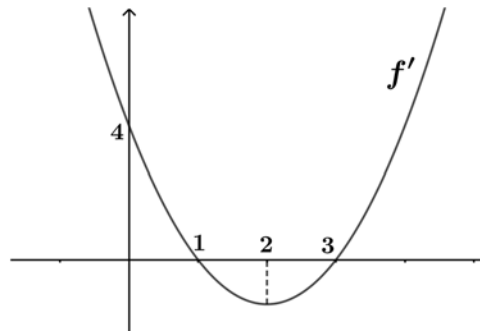
$$\lim_{x \rightarrow +\infty} \left(\frac{-8x^{10} + 2 \cos(3x)}{4e^{2x}} \right)$$

é igual a

- (A) -8
(B) -2
(C) 0
(D) 1
(E) 2



35 A figura abaixo exhibe o gráfico da **derivada** de uma função f :



Acerca da função **primitiva** f , é correto afirmar que

- (A) f é sempre côncava para cima.
- (B) f é decrescente entre $x = 1$ e $x = 3$.
- (C) f atinge o mínimo em $x = 2$.
- (D) f não possui ponto crítico.
- (E) f não possui ponto de inflexão.

36 A derivada da função

$$h(x) = 3x^2 + 5x - 10 + \frac{7}{x^2}$$

é igual a

- (A) $h'(x) = 6x + 5 - \frac{14}{x^3}$
- (B) $h'(x) = x^3 + 5x^2 - 10x - \frac{7}{x}$
- (C) $h'(x) = 6x + 5 - \frac{10}{x} - \frac{7}{x^3}$
- (D) $h'(x) = 6x + 5 + \frac{7}{2x}$
- (E) $h'(x) = 6x + 5 - 10x + \frac{14}{x^3}$

37 A derivada da função

$$P(t) = t^2 e^{-3t^2}$$

é a função

- (A) $P'(t) = 2t e^{-6t}$
- (B) $P'(t) = 2t + e^{-6t}$
- (C) $P'(t) = 2t e^{-3t} + t^2 e^{-6t}$
- (D) $P'(t) = (2t - 6t^3) e^{-3t^2}$
- (E) $P'(t) = (2t + t^2) e^{-3t}$

38 A equação da reta tangente ao gráfico da função

$$L(x) = x^3 - 4x^2 + 2x - 1,$$

no ponto de abscissa $x = 2$, é

- (A) $y = (3x^2 - 8x + 2)x - 5$
- (B) $y = (3x^2 - 8x + 2)x + 2$
- (C) $y = 12x - 5$
- (D) $y = -2x - 5$
- (E) $y = -2x - 1$



- 39 O preço de certa mercadoria, p (em reais), é modelado, em função da quantidade produzida (em milhares de unidades), q , pela função

$$p(q) = 7 + \frac{50}{q}.$$

No instante em que o nível de produção se encontra em $q = 5$ (milhares de unidades), o preço se encontra portanto em $p(5) = 17$ (reais). Deseja-se saber qual o efeito que uma pequena variação neste nível de produção acarretará no preço do produto. A relação linear que melhor aproxima a variação Δp no preço, que será produzida por uma pequena variação Δq no nível de produção, a partir do nível $q = 5$, é

- (A) $\Delta p = -2 \Delta q$
- (B) $\Delta p = 5 \Delta q$
- (C) $\Delta p = 17 \Delta q$
- (D) $\Delta p = \frac{50}{\Delta q^2}$
- (E) $\Delta p = -\frac{50}{\Delta q^2}$

- 40 Um móvel se desloca em movimento retilíneo, tendo sua posição, s , indicada em metros, descrita em função do tempo, t , em segundos, pela função

$$s(t) = t^3 + \cos(2t).$$

Sua **aceleração** a (em m/s^2), então, será descrita pela função

- (A) $a(t) = 3t^2 - 2 \operatorname{sen}(2t)$
- (B) $a(t) = 6t - 4 \operatorname{cos}(2t)$
- (C) $a(t) = 6 + 8 \operatorname{sen}(2t)$
- (D) $a(t) = 3t^2 - \operatorname{sen}(2)$
- (E) $a(t) = 6t - 1$